

Editorial

Verdadeiramente este homem era justo

O centurião, ao ver o que se passava, exclamou, glorificando a Deus (Lc 23, 46-47).

Aparentemente, a história de Jesus, e a Sua vida entre nós, chegou ao fim!

Que é que terá visto, ouvido, sentido o centurião para dar glória a Deus logo depois de Jesus ter expirado?

Um desenlace anunciado pelo próprio Jesus, a entrega às mãos das autoridades religiosas e políticas, julgado e morto! Último suspiro! A violência a que foi sujeito, desde a prisão no horto das Oliveiras, à agressividade dos soldados, que O injuriam e n'Ele descarregam frustração e, chicoteando-O, a carregar a pesada Cruz, já com pouquíssimas forças, a crucifixão, a morte parece quase um alívio! Não há forças para mais. Ele sofre, mas quem está por perto, Maria e as outras mulheres, também sofrem. Não nos é possível imaginar a agonia de Nossa Senhora, pese embora a fé e a confiança em Deus. Será um misto de sentimentos, angústia pelo sofrimento que se expressa no rosto e no corpo de Jesus, Seu amado filho, nas tremuras e dificuldades em respirar, e, por outro lado, paz e esperança, sabendo que a morte nada é diante do poder de Deus, não é um termo, é passagem, é páscoa. Ela sabe, Ela sente, Ela confia que o Seu Filho, o Filho de Deus, morre (biologicamente) como ser humano, mas o Pai não O abandonará à morte, assisti-l'O-á, por ação do Seu Espírito, na Sua descida ao túmulo, para O ressuscitar.

Se a morte tivesse a última palavra, a história fixaria Jesus como uma memória a esquecer-se ao longo do tempo. Mas a história não acaba aqui. Não acaba na sexta-feira santa. O calvário é mais uma etapa, ainda que mais significativa e final, expressão última e plena da entrega de Jesus. A desolação dos discípulos, familiares e amigos, da gente simples da Galileia, há de dar lugar à luz e à alegria, à festa e à vida nova. Teremos que descer do morro, teremos que abandonar o lugar da morte, da desumanização, da injustiça e do pecado. E regressarmos à vida! À comunidade! Lá nos encontraremos com o Ressuscitado.

Pela madrugada, as mulheres... sempre mais cuidadosas nos pormenores, vão-se assegurar que o Corpo do Senhor, tanto quanto possível, receba os cuidados que a pressa de sexta-feira santa não permitiram. Num primeiro momento, nem penso que serão incapazes de mover a pesada pedra que bloqueia a entrada do sepulcro. Agem antes de racionalizar as questões práticas. Não há tempo a perder, é o Mestre e, sobretudo, Amigo, que é preciso honrar. Depois, Deus há de prover! E Deus provém... o sepulcro está de portas abertas, como pôde ver Maria de Magdala, como podem testemunhar as mulheres, como podem verificar os discípulos, Pedro e o predileto, que podes ser tu e posso ser eu, se e quando despertarmos confiantes para o amor e a onnipotência de Deus.

Com as mulheres, com os discípulos, vamos ao lugar da morte! Ali, depois de horas densas e intensas, de enorme desolação, foi colocado o corpo de Jesus, desfigurado. Como se aproximava o sábado, pois o entardecer de sexta-feira, culturalmente, faz-nos entrar no grande sábado, não foi possível deixar o corpo de Jesus com os unguentos todos, que remetem para o respeito pelos mortos, para a amizade, para a vida que perdura, pelo menos, na memória agradecida. Cedinho, portanto, no primeiro dia da semana, novo dia, resplandecente de luz, de beleza e de vida, levantemo-nos, vamos nós também, e deixemo-nos envolver pelos sinais que estão ali, pelos sinais que Deus faz ver e sentir. Jesus não está ali! Ele precede-nos! Ele levantou-Se antes de nós chegarmos, ressuscitou! É tempo de desfazermos a ansiedade e o luto! Ele está vivo. Encontrámo-l'O, não no sepulcro, mas na Galileia, em Jerusalém, em Tabuaço e em Lamego, em Penude, na minha e na tua povoação, na Igreja e em casa, nas encruzilhadas da vida. É tempo de cantar e agradecer, é tempo de viver e anunciar a vida, a ternura, o amor, a compaixão. É tempo de fazer com que os destroços da morte se convertam em compromisso com a vida, agindo de tal forma, em palavras, gestos e obras, que prevaleça o diálogo e a verdade, a partilha e a comunhão, a solidariedade e a justiça, a bondade e a paz, a entreeajuda solidária e a opção preferencial pelos mais desfavorecidos. Uma vez ressuscitados com Jesus, vivamos esta nova

vida que nos identifica e compromete em amar a todos do jeito com que Deus nos ama, dando a Sua vida, em Jesus Cristo, até ao último fôlego. Levantemo-nos, é tempo de viver e testemunhar o Evangelho da Alegria e da Caridade.